

## ESPAÇO CULTURAL GOIANDIRA DO COUTO\*

### CULTURAL SPACE GOIANDIRA DO COUTO

Tais Helena Machado Ferreira (UFRJ)\*\*

#### Resumo

No presente trabalho utilizando o método biográfico será feita uma breve apresentação da trajetória da artista goiana Goiandira Ayres do Couto a partir dos objetos expostos no Centro Cultural que leva seu nome e que foi criado pela própria artista se revelando segundo a idéia de Pierre Nora, como *um lugar de memória*. Goiandira conserva tanto em sua casa quanto no Espaço Cultural, um conjunto de objetos que estiveram presentes no decorrer de sua vida, dando-lhe *um assentimento à sua posição no mundo, à sua identidade*.

#### Palavras-chave

Goiandira do Couto. Memória. Arte. Cultura.

#### Abstract

*With the use of the biographical method, the present paper intends to provide a brief presentation on the work of artist Goiandira Ayres do Couto, from Goiás, Brazil, based on objects exposed at the Cultural Center, named after the artist and created by the artist herself. According to the conception of Pierre Nora, this place has turned out to be a place of memory. Goiandira keeps at home and in the Cultural Space a set of objects that have been part of her life, affirming their place in the world and their identity.*

#### key words

Goiandira do Couto. Memory. Art. Culture.

O termo espaço cultural é relativamente novo no Brasil, como também, centro cultural e casa da cultura. Afirma Luís Milanesi, “é necessário dar um sentido aos espaços que, em nome da Cultura, são construídos”<sup>1</sup>. A idéia de um modelo de espaço cultural se baseia na “reunião de produtos culturais, na possibilidade de discuti-los e na prática de criar novos produtos”<sup>2</sup>, ou seja, na relação estabelecida

\* Artigo baseado na Dissertação - “Faz uma casa com areia”: a cidade de Goiás e as areias coloridas na trajetória de Goiandira Ayres do Couto - do Mestrado em Artes Visuais do PPGAV, na linha de pesquisa Imagem e Cultura. Autoria: Tais Helena Machado Ferreira (Mestre/UFRJ).

\*\* Mestre/UFRJ

<sup>1</sup> MILANESI, Luís. *A casa da invenção: biblioteca e centro de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997, p. 47.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 28.

dentro dele entre as pessoas que o frequentam, inclusive seus responsáveis, criando uma interação instituição/público, assumindo o papel importante de “oferecer a mais vasta e diversificada coleção de registros do conhecimento humano”<sup>3</sup>.

A partir da década de 70, com a criação do *Centro Cultural Georges Pompidou*, o Beaubourg, na França, a circulação da idéia de se criar um local para realizar e disseminar diferentes ações culturais se espalhou mais rapidamente, começando a surgir locais com denominações diversas com a mesma finalidade, criados com verbas governamentais, por ONGS ou particulares.

No Brasil atualmente, por ter tantas placas com a denominação Centro Cultural, espalhadas pelas cidades, nas paredes de casas simples ou em construções monumentais, afirma Milanesi, que se tornou difícil contabilizar quantos locais tem em suas paredes afixadas este tipo de placa.

A denominação espaço cultural utilizada no decorrer do trabalho, segue a idéia de Pierre Nora, como sendo “um lugar de memória, que nasce e vive do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”<sup>4</sup>.

### **Trajectoria de Goiandira do Couto**

Quem chega à cidade de Goiás, logo se encanta com sua arquitetura do século XVIII. Os antigos casarões, as igrejas, o coreto na praça principal e as ruas de pedra, guardam a história dos bandeirantes que desbravaram o interior do Brasil no período colonial. Ao passar pelo número 19 da Rua Joaquim Bonifácio, qualquer um “imagina tratar-se apenas de mais uma das velhas casas que compõem o bicentenário conjunto arquitetônico da antiga Vila Boa”<sup>5</sup><sup>6</sup>, porém é neste lugar simples e muito acolhedor que morava uma das figuras mais ilustre da cidade, Goiandira Ayres do Couto, que além de ter sido professora foi uma magnífica artista, realizando pinturas com areias coloridas retiradas da Serra Dourada.

Goiandira do Couto nasceu no dia 12 de setembro de 1915, na cidade de Catalão, no Estado de Goiás, vindo a falecer no dia 22 de agosto de 2011,

---

<sup>3</sup> Ibidem, p. 169.

<sup>4</sup> NORA, Pierre. Entre memórias e história: a problemática dos lugares. In.: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981, n.º 10, p. 13.

<sup>5</sup> Antigo nome dado à cidade de Goiás.

<sup>6</sup> MORAIS, Antônio Lisboa. *Goiandira do Couto: uma força da natureza*. Jornal Opção, Goiânia, 06 nov. 2007.

em Goiânia. Filha de Luiz Ramos de Oliveira Couto - poeta, escritor, jornalista, advogado, Juiz de Direito, professor, um dos fundadores da Faculdade de Direito de Goiás, da Academia Goiana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás - e Maria Ayres do Couto, que além de cultivar as belas artes, era pintora.

Goiandira mudou-se aos seis anos de idade com sua família para a cidade de Goiás - quando ainda era a capital do estado. Toda sua formação foi realizada nesta cidade, nas escolas em que estudou como também no seio familiar, pois sua casa sempre foi um espaço de ampla socialização que além de ser freqüentada por pessoas relacionadas com a política e a cultura, também era um espaço onde ocorriam saraus, festas e outros encontros.

Começou a participar da vida cultural da cidade, em 1929, declamando poesias e desenhando. Sempre presente nos eventos artísticos, como pintora participou da exposição coletiva na Escola Normal Oficial de Goiás em 1933, inaugurando sua primeira fase (óleo sobre tela), que se estendeu até 1967. Durante essa primeira fase, em que Goiandira pintava com tinta a óleo, ela participou de nove exposições coletivas entre 1947 e 1967, sendo somente três em Goiânia e todas as outras na cidade de Goiás.

Completo seus estudos na Escola Normal Oficial de Goiás, diplomando-se em 1935 e com o apoio de sua família, principalmente do seu pai Luiz do Couto, resolveu dar aula aos soldados da Polícia Militar. No ano seguinte, em 1936, sensibilizada com o fato de um grande número de soldados serem analfabetos na Polícia Militar, aderindo à Cruzada Nacional de Educação – instituída como utilidade pública visando a difusão do ensino, pois “a alfabetização de um povo constitui o elemento básico para a solução de todos os problemas político-sociais da respectiva nacionalidade”<sup>7</sup> - e por seu interesse em contribuir para o engrandecimento da Pátria, sentimento despertado a partir do convívio com seu pai e conseqüentemente com o relacionamento deste na política e cultura da cidade e do estado, um perfil de mediadora, despertado “com maior facilidade em situações de mudança social, política e/ou cultural”<sup>8</sup>, começou a se manifestar.

Goiandira do Couto foi a primeira professora da Polícia Militar, lecionando gratuitamente aos soldados que além de alfabetizá-los também contribuiu com a formação moral e cívica desses militares. Deixou seu nome gravado na história desta instituição, sendo homenageada em diversas ocasiões: o 1º Tenente Francisco

<sup>7</sup> BRASIL. Decreto nº 21.713, de 15 de agosto de 1932.

<sup>8</sup> CASTRO, Celso. *Comentários*. In: Velho, Gilberto e Kuschnir, Karina (org.). *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 209.

Regino de Souza, da 1ª Cia da Polícia Militar, ofereceu-lhe a valsa “Professora Goiandira” em 1937; em 21 de abril de 1979 recebeu do Governo do Estado a Medalha Tiradentes, a mais alta patente da PM, pelos relevantes serviços prestados à Polícia Militar do Estado de Goiás; a biblioteca da sede da Polícia Militar em Goiânia recebeu o nome “Goiandira Ayres do Couto”; em julho de 2008 recebeu uma medalha pelos 150 anos da Polícia Militar e dentre tantas outras homenagens, todos os anos no dia 12 de setembro, data de seu aniversário, soldados e a banda da PM se reuniam na porta de sua casa para saudá-la.

Desde que se formou, além dos soldados, também dava aula para crianças em sua casa, alfabetizando-as. Ainda em 1937, tornou-se professora na Escola Normal Oficial de Goiás, onde lecionava Língua Portuguesa e em 1944, foi nomeada professora do Colégio Estadual Professor Alcide Jubé de Goiás onde lecionava Desenho. Em sua casa, Goiandira, também dava aulas particulares de pintura - como tinha poucos alunos, algumas vezes, saía com eles para pintar na rua, ao ar livre – e de dança – bolero, valsa e tango. Em 1968, aos 53 anos de idade e aposentada do magistério, participou da fundação da Escola de Artes Plásticas Veiga Valle, onde dirigiu e lecionou desenho artístico, pintura e desenho linear.

Devido à estagnação econômica que ocorria na cidade de Goiás desde a transferência da capital para Goiânia, “um grupo de amigos, mais especificamente de alguns estudantes, filhos de famílias tradicionais, alunos da professora e artista Goiandira do Couto”<sup>9</sup>, faziam reuniões na casa da própria Goiandira na década de 60, discutindo a possibilidade de realizar alguma ação que viesse resultar na revitalização da cidade: “Sempre fui professora. Ao final das aulas, os alunos vinham aqui para minha casa conversar, se reunir. Nós sempre fazíamos as coisas para Goiás”<sup>10</sup>. A partir desses encontros, criaram a OVAT (Organização Vilaboense de Artes e Tradições): “foi criada e fundada aqui em casa, nessa cozinha”<sup>11</sup>. Dentre seus fundadores destacam-se, além de Goiandira do Couto, Elder Camargo de Passos<sup>12</sup> e Hecival Alves de Castro<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> CARNEIRO, Keley Cristina. *Cartografia de Goiás: patrimônio, festa e memória*. Goiânia: UFB, 2005, p. 42.

<sup>10</sup> COUTO, Goiandira Ayres do. *O tecido do tempo*. In: BRITTO, Clóvis Carvalho (org.). *Luzes e Trevas: Estudos sobre a Procissão do Fogaréu da cidade de Goiás*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008, p. 206.

<sup>11</sup> COUTO, Goiandira Ayres do. Entrevistas realizadas nos meses de fevereiro, abril e dezembro de 2009, na casa da artista na cidade de Goiás, por Tais H. M. Ferreira.

<sup>12</sup> Advogado, pesquisador e historiador e segundo Delgado: “[...] notabilizou-se como “historiador” da cidade ao proferir palestras, escrever livros, organizar folders turísticos, além de fornecer informações para trabalhos a respeito da Cidade de Goiás”. DELGADO, A. F. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, fevereiro de 2003, p.421 (Tese de Doutorado).

<sup>13</sup> Advogado e estudioso da história da cidade de Goiás. UM HOMEM chamado cultura. *O Vilaboense*, Goiás, ano 16, nº CLXXV, mar. 2009, p. 3.

Esse grupo, através da OVAT, realizou diversas atividades: reabriram o Gabinete Literário, que foi fundado em 1864; revitalizaram os saraus; pesquisaram e registraram as manifestações culturais e musicais; organizaram o acervo de arte sacra e criaram o Museu de Arte Sacra da Boa Morte e, através de relatos, memórias e pesquisa histórica, reorganizaram a Semana Santa, incorporando durante as celebrações a Procissão do Fogaréu - representação da busca e prisão de Cristo.

A Procissão do Fogaréu acontece todos os anos, durante a Semana Santa, na cidade de Goiás e se apresenta segundo Hobsbawm, como uma “tradição inventada”<sup>14</sup>, pois surgiu “de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo”, mas conseguindo se estabelecer rapidamente e se tornando assim conhecida e reconhecida nacional e internacionalmente.

Elder Passos afirma que apesar de não encontrar livros falando sobre a Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás “não tem literatura falando sobre isso”<sup>15</sup>, a OVAT, primeiro através da história oral, e depois através de pesquisas, conseguiu alcançar seu principal objetivo que era revitalizar a cidade, além de conseguir ter a figura do farricoco, que representa os soldados romanos perseguindo Jesus, como um símbolo de Goiás.

Goiandira do Couto foi quem pesquisou, desenhou e confeccionou as vestimentas dos farricocos como também de todos os personagens da Semana Santa em 1967, além de colocar a franja feita de cetim na parte inferior da primeira imagem do Cristo que saiu em 1966, na Procissão do Fogaréu.

Durante o carnaval, Goiandira participava sempre de todos os bailes. Suas fantasias, ela mesma criava e confeccionava. Em 1938, criou o bloco chamado Bloco da Banda de Lá<sup>16</sup> que era formado por amigos, mulheres e homens, e todo ano era ela quem escolhia o tema, elaborava e confeccionava as fantasias de todos os integrantes do bloco, que pagavam suas fantasias antecipadamente. Segundo a própria Goiandira, um detalhe curioso era que todos só descobriam qual fantasia iriam usar no dia, quase na hora do baile: “Tinha muitos blocos. O meu bloco era o “Bloco da Banda de Lá”. Cada banda tinha uma fantasia. Eu que fazia a fantasia

<sup>14</sup> Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. HOBBSAWM, Eric. Introdução: *A invenção das tradições*. In: HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 9.

<sup>15</sup> PASSOS, Elder Camargo de. Entrevista realizada no mês de dezembro de 2009, na casa de Goiandira Ayres do Couto, por Tais H. M. Ferreira.

<sup>16</sup> UNES, Wolney (Org.). *Goiandira: arte e areia*. Goiânia: ICBC, 2008, p.82.

de todos, ninguém sabia da fantasia, depois de pronto é que vestia, na hora de sair que ficava sabendo. Fazia, pintava e tudo.”<sup>17</sup>

Goiandira foi eleita diversas vezes rainha do carnaval, a foliã mais animada, a fantasia mais bonita, o que lhe rendeu um título, ainda lembrado em reportagens sobre os carnavais antigos de Vila Boa, de “A eterna Rainha do Carnaval de Vila Boa”<sup>18</sup>.

No ano de 1983, Goiandira do Couto devido a alguns problemas particulares que a incomodavam, foi até Goiânia procurar ajuda. Lá teve seu primeiro contato com a Igreja Messiânica Mundial do Brasil e recebeu o Johrei<sup>19</sup>. Como se sentiu melhor, logo em seguida, começou a fazer um curso que a possibilitaria ministrar Johrei também em outras pessoas. O curso só existia em Goiânia, que era longe da cidade de Goiás, mas mesmo assim Goiandira foi fazê-lo. Quando terminou, continuou indo até Goiânia para receber o Johrei apesar do tempo e da distância. O trajeto de ida e volta levava quase 6 horas e para receber o johrei precisava somente de 15 minutos, o que foi ficando muito cansativo. Com o passar do tempo, Goiandira começou a ministrar em sua casa o Johrei em várias pessoas, inclusive em crianças, e as pessoas começaram a chamar de Religião de Dona Goiandira. Então, ao comunicar seu desejo de fundar uma igreja na cidade de Goiás, recebeu o consentimento para realizar esta tarefa. A primeira palestra aconteceu em sua casa, e foi apresentada pela responsável da igreja de Goiânia. Muitas pessoas compareceram, e depois, saiu no jornal uma notícia sobre o evento. Assim, em 1984, a Igreja Messiânica se formou na cidade de Goiás, na casa de Goiandira do Couto, mas como muitas pessoas começaram a frequentá-la, alugou-se uma casa, onde passou a funcionar a igreja:

Goiandira do Couto se encontra no quadro de membros Titulares da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, tendo assumido em 09 de novembro de 1970, com 55 anos de idade, a cadeira de nº. 14<sup>20</sup>. Em 1989, participou da fundação da Academia Vilaboense de Letras e Artes, ocupando a cadeira nº. 15 e em 1990, participou da fundação da Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes, ocupando a cadeira nº. 16<sup>21</sup>. Em todas essas Academias, a patronesse é sua

<sup>17</sup> COUTO, op. cit., 2009.

<sup>18</sup> TODOS OS CARNAVAIS me ficaram. Cidade de Goiás, Goiás, fevereiro de 1981, p. 4.

<sup>19</sup> Segundo a Srª. Teresinha Rufino, um dos membros da Igreja Messiânica da cidade de Goiás, “o Johrei é uma bênção para purificar o espírito da gente, uma oração. Então a palavra Johrei é a canalização da luz de Deus para purificação e renovação do espírito do homem”. Entrevista realizada nos meses de fevereiro, abril e dezembro de 2009, na Igreja Messiânica na cidade de Goiás, por Tais H. M. Ferreira.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.aflag.org.br/aflag.php>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.atleca.com.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

mãe, Maria Ayres do Couto. Em 2005, ingressa nas Academias de Letras e Artes de Catalão e de Bela Vista<sup>22</sup>.

Quando passeava na Serra Dourada, uma cadeia de montanhas próxima à Cidade de Goiás, em 1962, encontrou mais de duas dezenas de diferentes tons de areia. Com o passar do tempo, Goiandira passou a ir mais vezes a serra, olhando com mais atenção para as rochas, areias e barrancos, sempre a procura de novas tonalidades de areias. Encantada com a diversidade de cores começou a colecioná-las, chegando a 551 tonalidades. A partir de 1968, utilizando as areias coloridas que havia recolhido da Serra Dourada, começou a realizar pinturas que encantariam as pessoas e que a tornaria conhecida no país e internacionalmente, recebendo diversos prêmios.

Ao perceber que seu trabalho artístico estava sendo cada vez mais divulgado, e conseqüentemente surgindo mais encomendas, criou em sua própria casa, onde já se encontrava em um dos cômodos seu atelier onde realizava suas pinturas, um espaço de exposição, onde ficavam seus quadros feitos a óleo e com areia, além de uma mesa onde continha as medalhas, comendas e outras homenagens. Seus diplomas emoldurados ficavam fixados nas paredes da casa, dividindo espaço com suas telas e retratos de seus familiares.

No dia 25 de setembro de 1992, a Prefeitura de Goiás inaugurou o Espaço Cultural Goiandira do Couto em Goiânia. A artista levou seu acervo para o local que permaneceu aberto mais ou menos por um ano, porque após a mudança de governo, este acabou sendo fechado: “Foi bonito, foi muita gente. Lá, na frente a minha exposição e do outro lado era artesanato, só coisas de Goiás, artesão, tudo ali. Muita gente telefonava para saber onde tinha os quadros meus para comprar, para olhar. Mas fechou, fechou. Durou um ano.”<sup>23</sup>

Ao que parece, o local foi criado por interesse político, apresentando-se como, segundo Milanesi, um “marco iniciando as ações que definiriam o sentido de sua existência”<sup>24</sup>, durante o tempo que o representante do governo que o criou se mantivesse no cargo. Ao término de seu mandato, não havendo interesse por parte do atual governo, as atividades paradas e verbas cortadas, o Espaço Cultural estava com seus dias contados. Goiandira retornou com seu acervo para sua casa, mantendo-o novamente exposto até 2003.

No início de 2000, segundo Goiandira, ela elaborou, desenhou e mandou

<sup>22</sup> UNES, op. cit., 2008.

<sup>23</sup> COUTO, op. cit., 2009.

<sup>24</sup> MILANESI, op. cit., p. 47.

construir sob sua própria supervisão um local com dois ambientes e um pequeno banheiro no seu terreno, na lateral da casa, parede com parede, tendo comunicação com a casa pelos fundos onde há uma porta que dá para o quintal: “Eu fiz o desenho [...] eu fiz desse jeitinho que tá lá. Eu fiz o desenho e ficou”<sup>25</sup>. O local foi construído para permanecer por muitos anos, “[...] queria que fosse para a eternidade, posteridade”<sup>26</sup>.

Ao concluir a obra - um grande salão dividido em dois ambientes, sendo que um é maior do que o outro e um pequeno banheiro – a própria artista organizou todo o seu acervo no local idealizado por ela, construindo assim um “lugar de memória”<sup>27</sup>, cuja distribuição dos objetos ocorreu de acordo com o que pensava ser mais interessante para futuras visitas, separando nos ambientes seus diplomas, homenagens, pinturas a óleo, pinturas com areia, as areias coloridas, quadros de sua mãe, Maria Ayres do Couto, e de seu irmão, João do Couto, retratos de seus pais e também de seu irmão, além de três armários abarrotados de livros e revistas: “Ah, não vou misturar! Aqui eu ponho o armário com as areias que eu tinha aqui em casa. Ali eu pus de acordo com a fase que eu comecei a pintar. Tem o biombo. Aqui tem a pedra goiana Embaixo, tem a exposição, tem os vidrinhos de penicilina, e tem o primeiro quadro [...]. Aqui tem os quadros do meu irmão, que eu quero expor, porque o trabalho dele é muito perfeito, elogiado no exterior. Quero fazer uma homenagem a ele, ao meu pai e à minha mãe. Como é que eu vou deixar minha mãe e meu pai, que me incentivaram, de lado?”<sup>28</sup>. Na inauguração, no dia 16 de abril de 2003, o novo local passou a se chamar *Espaço Cultural Goiandira do Couto*, mesmo nome dado ao anterior, em Goiânia.

Na entrada foi colocada uma pequena mesa tipo de escritório, bem simples com uma cadeira, onde fica instalado um rapaz que segundo Goiandira, “o guia do Espaço”<sup>29</sup>, que permanece nesse hall, que é separado do restante do salão por uma divisória, até a chegada de algum visitante desejando conhecer o local. Nesse momento, levanta-se e começa a apresentar os objetos expostos, passando as informações referentes ao local: a artista, seu trabalho como pintora, sua atuação na cidade de Goiás e as homenagens e prêmios recebidos por ela. Todos os objetos que se encontram no Espaço - salvo um retrato de Goiandira que está junto com as pinturas a óleo com a indicação do autor, ano e técnica e os quadros de sua

<sup>25</sup> COUTO, op. cit., 2009.

<sup>26</sup> Ibidem, 2009.

<sup>27</sup> NORA, Pierre, op. cit., p. 13.

<sup>28</sup> COUTO, op. cit., 2009.

<sup>29</sup> Ibidem, 2009.

mãe e de seu irmão onde perto deles tem a indicação do nome dos autores e o grau de parentesco com a artista - não são acompanhados por nenhuma etiqueta explicativa: “eles não precisam de saber nada disso”<sup>30</sup>, comenta a artista, ficando portanto a cargo do guia, todas as explicações necessárias.

Ao entrar no primeiro salão, logo encontramos duas mesas enormes e idênticas. Na da esquerda, estão os pires, todos iguais, cada um com uma tonalidade diferente de areia e na outra, à direita, estão mais de três dezenas de medalhas e condecorações recebidas por Goiandira. As duas mesas de madeira foram feitas sob encomenda e parecem uma “gaveta”. Ambas possuem um grosso vidro no tampo para proteger os objetos do seu interior. Ao fundo, na parede de frente, encontram-se mais de trinta diplomas e homenagens emolduradas, ao redor de um retrato de Goiandira do Couto em tamanho maior, destacando-se do conjunto.

Na parede à direita, encontramos vinte e três quadros feitos a óleo, ou seja, os que se referem à primeira fase da artista, que foi de 1933 a 1967. Durante essa fase, a artista diz nunca ter vendido nenhum quadro, que somente participava de exposições, ganhando alguns prêmios: “nunca vendi um quadro a óleo, só areia”<sup>31</sup>. Ao centro, encontra-se, entre as pinturas, um retrato de Goiandira feito por Orfeu Maranhão Souza – desenho a lápis – de 1934.

Ao nos colocarmos de costas para a parede dos diplomas, ficamos de frente à entrada do Espaço com a divisória limitando o pequeno hall de chegada. À direita, um canto formado pela divisória e pela parede dos quadros com areia, encontram-se uma caixa de madeira contendo pequenos vidros, todos iguais, cada um deles com um tom diferente de areia. É a primeira coleção de areia de Goiandira do Couto. Logo acima dessa caixa, está o primeiro quadro que a artista fez em 1968, utilizando somente cola e areia colorida. E mais acima temos a foto da Pedra Goiana, símbolo de Goiás. Entre estes objetos e a parede com os quadros de areia, Goiandira colocou um armário com portas de vidro onde, em seu interior, encontram-se as 551 tonalidades naturais de areias coloridas que a artista encontrou em Serra Dourada. As areias estão colocadas em vidros transparentes de diferentes tamanhos e formatos.

Na parede à direita, temos dezoito quadros feitos com areia colorida os quais correspondem à segunda fase, que começou a partir de 1968.

Ao entrarmos no segundo salão, na parede à esquerda, encontramos

<sup>30</sup> Ibidem, 2009.

<sup>31</sup> Ibidem, 2009.

expostos três quadros pintados com tinta a óleo de Maria Ayres do Couto, mãe de Goiandira, e doze quadros feitos com bico-de-pena e nanquim, tinta a óleo e guache do seu irmão João do Couto. Esta foi uma maneira que Goiandira achou para homenagear sua mãe e seu irmão. À frente no canto da parede, está localizado um pequeno banheiro.

Ao lado do banheiro, fica a porta que dá acesso ao quintal nos fundos da casa de Goiandira. Um bebedouro foi instalado ao lado desta porta para maior conforto dos visitantes. Nesta mesma parede, ainda se encontram duas mensagens emolduradas acima do bebedouro e um armário antigo repleto de livros.

Ao virarmos para a direita, posicionando-nos de costas a parede onde estão os quadros da mãe e irmão de Goiandira, vemos na nossa frente, um console centralizado nesta parede com alguns objetos – um arranjo de flores, alguns livros, homenagens – e logo acima, os retratos da mãe, do pai e do irmão, novamente homenageados pela artista.

Esse conjunto de objetos que a artista apresenta em seu Espaço Cultural, os quadros e fotos de seus familiares, vai além de uma simples homenagem. Podemos dizer que são “objetos biográficos”<sup>32</sup> que fazem parte de um conjunto maior, extensivos da casa da artista. Sempre morando no mesmo lugar, Goiandira conserva na casa de sua infância um conjunto de objetos que estiveram presentes no decorrer de sua vida, dando-lhe “um assentimento à sua posição no mundo, à sua identidade” e tanto em casa quanto no Espaço Cultural, cada objeto que a rodeia, “representa uma experiência vivida”<sup>33</sup>.

Goiandira achou no local onde apresenta seus trabalhos um modo de manter viva a memória de seus familiares, “a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode até mesmo ir além de sua própria morte”<sup>34</sup>, permitindo assim que em suas lembranças a imagem de cada um deles seja sempre avivada e retocada como fala Ecléa Bosi: “A imagem de nosso pai caminha conosco através da vida. Podemos escolher dele uma fisionomia e conservá-la no decurso do tempo. Ela empalidece se não for revivida por conversas, fotos, leituras de cartas, depoimentos de tios e avós, dos livros que lia, dos amigos que frequentava, de seu meio profissional, dos fatos históricos que viveu... Tudo isso nos ajuda a constituir sua figura. [...] Vejo

<sup>32</sup>MORIN, Violette. L'objet. Communications 13, 1969. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 441.

<sup>33</sup>BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 441.

<sup>34</sup>THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 21.

que sua figura não cessa de evoluir: ela caminha ao meu lado e se transforma comigo. Traços novos afloram, outros se apagam conforme as condições da vida presente, dos julgamentos que somos capazes de fazer sobre seu tempo. Nos velhos retratos, o impacto da figura viva vai-se apagando, ou vai sendo avivada, retocada”.<sup>35</sup>

Ao virarmos para a direita novamente, de costas para o bebedouro, temos a nossa frente a parede que separa os dois salões, com dois armários também repletos de livros, revistas e papéis variados e oito homenagens emolduradas acima de uma cadeira antiga com assento de palhinha.

Ao traçar a trajetória de Goiandira do Couto foram utilizados diferentes tipos de fontes<sup>36</sup> agregadas à história de vida, remetendo assim a “imagem do mosaico” método sugerido por Howard Becker, onde o autor afirma que “cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo”<sup>37</sup>. Desse modo pode-se ter uma visão mais ampla da relação da artista com a cidade de Goiás, sua participação em diferentes atividades sociais, culturais e artísticas e como ela “universalizou através de sua vida e de suas ações, a época histórica vivida”<sup>38</sup>, pois ao utilizar a experiência de vida de uma pessoa “como matéria-prima, a história ganha nova dimensão”<sup>39</sup>.

A participação de Goiandira do Couto na cultura local é reconhecida até hoje pelas autoridades municipais, estaduais e nacionais que ainda a homenageiam através de medalhas, reportagens, condecorações entre tantas maneiras. Falar de Goiandira do Couto sem localizá-la no tempo e espaço da cidade de Goiás não nos permite uma visão da dimensão de sua atuação, pois segundo Goldenberg “cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve”<sup>40</sup>. Goiandira do Couto é um coletivo e pode ser considerada um exemplo de memória<sup>41</sup> de

<sup>35</sup> BOSI, op. cit., p. 426.

<sup>36</sup> Fotografias; reportagens em jornais, revistas e emissoras de televisão; DVD comemorativo da Polícia Militar; monografias, dissertações, teses e livros.

<sup>37</sup> BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 104.

<sup>38</sup> GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 43.

<sup>39</sup> THOMPSON, op.cit., p. 25.

<sup>40</sup> GOLDENBERG, op. cit., p. 36.

<sup>41</sup> A palavra memória foi empregada aqui, baseando-se no estudo da *Memória coletiva* de Maurice Halbwachs. “Para o autor, não existe memória puramente individual, posto que todo indivíduo está interagindo e sofrendo a ação da sociedade, através de suas diversas agências e instituições sociais. [...] Mesmo a lembrança aparentemente mais particular possui um caráter particularista, remetendo a um grupo, a um contexto de interação.” ENNE, Ana Lucia S. *Discussões sobre a intrínseca relação entre memória, identidade e imprensa*. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis. GT História do Jornalismo. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v.6, n.2, 2004.

sua comunidade. Falar dela, é falar de Goiás. Através de suas lembranças, alguns aspectos da história cultural, social e política vilaboense passarão a ser conhecidos sob a perspectiva de uma moradora, educadora e artista local.

Ao trabalhar com a memória, devemos considerar a fala de Michael Pollak<sup>42</sup> quando este afirma que há uma ligação fenomenológica entre memória e sentimento de identidade, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva”, já que no decorrer do trabalho, podemos perceber em alguns momentos que a artista através do discurso biográfico apresenta uma “imagem adquirida” ao longo de sua vida, “construída e apresentada aos outros e a si própria”. Esta imagem, talvez uma forma de como se perceba ou mesmo como gostaria de ser percebida pelos outros, constituiu-se através da relação de Goiandira do Couto com o grupo social ao qual pertence, pois “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”<sup>43</sup>.

## Referências

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. *Decreto nº 21.713*, de 15 de agosto de 1932.

CARNEIRO, Keley Cristina. *Cartografia de Goiás: patrimônio, festa e memória*. Goiânia: UFB, 2005.

CASTRO, Celso. Comentários. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

---

<sup>42</sup> POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 5, 1992,.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 5.

COUTO, Goiandira Ayres do. *Entrevistas realizadas nos meses de fevereiro, abril e dezembro de 2009, na casa da artista na cidade de Goiás*, por Tais H. M. Ferreira.

COUTO, Goiandira Ayres do. O tecido do tempo. In: BRITTO, Clóvis Carvalho (Org.). *Luzes e Trevas: Estudos sobre a Procissão do Fogaréu da cidade de Goiás*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008.

DELGADO, A. F. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. 2003. p. 421 (Tese de Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 2003. Disponível em: <<http://www.aflag.org.br/aflag.php>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

Disponível em: <<http://www.atleca.com.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

ENNE, Ana Lucia S. Discussões sobre a intrínseca relação entre memória, identidade e imprensa. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis. GT História do Jornalismo. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. 6, n. 2, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: *A invenção das tradições*. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MILANESI, Luís. *A casa da invenção: biblioteca e centro de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

MORAIS, Antônio Lisboa. Goiandira do Couto: uma força da natureza. *Jornal Opção*, Goiânia, 6 nov. 2007.

MORIN, Violette. L'objet. *Communications* 13, 1969. In.: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NORA, Pierre. Entre memórias e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, 1981, n. 10.

PASSOS, Elder Camargo de. *Entrevista realizada no mês de dezembro de 2009, na casa de Goiandira Ayres do Couto*, por Tais H. M. Ferreira. 2009.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RUFINO, Teresinha. *Entrevista realizada nos meses de fevereiro, abril e dezembro de 2009, na Igreja Messiânica na cidade de Goiás*, por Tais H. M. Ferreira. 2009.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TODOS os carnavais me ficaram. Cidade de Goiás, Goiás, fevereiro de 1981.

UM HOMEM chamado cultura. *O Vilaboense*, Goiás, ano 16, nº CLXXV, mar. 2009.

UNES, Wolney (Org.). *Goiandira: arte e areia*. Goiânia: ICBC, 2008.

